



III Jornada Internacional
Semântica e Enunciação



2021



PROPOSTA DO SIMPÓSIO TEMÁTICO:

SABER URBANO E LINGUAGEM:

SENTIDO E FORMAS DE ENUNCIÇÃO

Cristiane DIAS (Labeurb/UNICAMP)

Greciely COSTA (Labeurb/UNICAMP)

RESUMO: A área de conhecimento Saber Urbano e linguagem, criada pelo Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), dedica-se a refletir sobre a cidade, pelo discurso. Dessa perspectiva, a prática científica instaura o domínio dos estudos desta área em seu modo de reflexão se configura e se especifica no encontro de dois processos de significação, a saber: o processo da espacialização da linguagem na cidade e o processo de simbolização do espaço urbano. A partir da compreensão desses dois processos, é possível observar em uma análise o modo como os sentidos se constituem, se formulam e circulam na cidade em condições específicas de produção que estão indissociavelmente ligadas às relações de força e poder constitutivos do espaço urbano. Em outros termos, esses dois processos permitem ainda a identificação dos mecanismos de determinação histórica dos sentidos e as formas de enunciação que se apresentam na cidade. Como os sentidos ganham corpo no espaço urbano? Quais são as formas de enunciação na cidade? Que relações de significação se estabelecem a partir dessas formas de enunciação? Consideramos a cidade como um espaço de textualização dos sentidos, com sua forma material específica: sentido, sujeito, história e sociedade estão “encarnados” nas formas arquitetônicas das cidades, nas vias, nos muros, na divisão política dos espaços, mas também nas políticas públicas, nos modos de circulação dos sujeitos, nas manifestações políticas, nas ocupações, nos monumentos, na arte de rua, nos projetos de diversas ordens, nos vãos. Tudo isso constitui formas de enunciação e produz sentidos para o espaço urbano. Nessa perspectiva, esse simpósio tem como objetivo refletir sobre o espaço urbano a partir de análises que se dediquem a compreender formas de enunciação específicas na e da cidade de modo a problematizar questões de nosso tempo, questões da contemporaneidade. Acolheremos trabalhos que analisem a cidade em sua ordem e em sua (des)organização, em seus flagrantes, enfim, em sua materialidade simbólica. Em seu real. Assim, almejamos buscar compreender a cidade como espaço simbólico, tornando consequente a observação do mundo, das relações sociais, das formas e condições de existência dos sujeitos, a partir de sua configuração política e histórica que, por sua vez, se manifesta na e pela linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Saber Urbano e Linguagem. Cidade. Análise de Discurso. Sentido.



III Jornada Internacional
Semântica e Enunciação



2021



RESUMOS APROVADOS:

**VIA UNIVERSITÁRIA: DO APAGAMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA EM
DISCURSOS SOBRE UM PROJETO ACESSÍVEL**

Clevisvaldo Pinheiro LIMA (UNICAMP/UFPI)
klevislima@hotmail.com

Maraisa LOPES (UFPI)
maraisa_lopes@uol.com.br

RESUMO: Mobilidade, acessibilidade e urbanização. Esses foram os principais objetivos que nortearam o projeto “via universitária” desenvolvidos por uma universidade situada no Nordeste do país. O projeto consistiu na construção de uma ciclovia e, paralela a esta, de uma passarela acessível, com piso tátil e placas de sinalização para pessoas com deficiência, interligando diferentes áreas do campus, “fomentando a atividade física, diminuindo o tempo de deslocamento de um centro ao outro, permitindo maior mobilidade urbana para servidores, alunos, professores, cadeirantes e ao pedestre”. Nas imagens postas em circulação sobre esse projeto, assim como nas atividades institucionalmente propostas para a divulgação deste, no entanto, deu-se destaque apenas à ciclovia. As questões inerentes à acessibilidade das pessoas com deficiência, no que tange à construção da passarela acessível, são silenciadas. Nesse sentido, e entendendo, conforme Costa (2018), que para nos atermos ao modo como os sentidos ganham corpo em sua formulação, como são textualizados, e à maneira como a memória discursiva se inscreve em sua constituição, é necessário considerar a importância da instância da circulação, os trajetos dos dizeres (ORLANDI, 2012), dado que a circulação produz mudanças no modo da formulação e mesmo na constituição, tanto de sujeitos quanto de sentidos (DIAS, 2018). Analisaremos, a partir do dispositivo teórico-metodológico da análise de discurso materialista, tal qual pensada inicialmente por Michel Pêcheux e, aqui no Brasil, por Eni Orlandi, as imagens e os vídeos de divulgação do projeto “via universitária” postados em circulação por uma universidade em seu perfil oficial no Instagram. Para tanto, temos como objetivo compreender como os sujeitos com deficiência são significados na/pela universidade nesta relação com a via universitária. Ressaltamos que nesta pesquisa entendemos, consoante Orlandi (2004), que o corpo dos sujeitos está atado ao corpo da cidade, sendo esta um espaço de textualização dos sentidos e que tomamos a circulação pelo digital não como um suporte, mas como condições de produção, tal qual expresso por Dias (2018), concebendo a circulação pelo digital como não restrita ao espaço digital ou ao ambiente de internet, mas ultrapassando a tela e os comandos de um teclado, não havendo uma fronteira ou um limite para se pensar o digital.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência. Circulação. Cidade. Digital.

EFEITOS DE SENTIDO DO IMAGINÁRIO ROMÂNTICO NO DISCURSO TURÍSTICO NACIONAL

Fernanda Gonçalves PIMENTEL (Unicamp)
fernandagpambiente@gmail.com

RESUMO: Com o presente trabalho objetiva-se uma reflexão sobre o modo como a memória discursiva e a construção de uma leitura de arquivo sustentada pela literatura do século XIX se atualizam nos dizeres atuais - as coisas a saber sobre o Brasil - e seu funcionamento no discurso turístico. Partindo de uma articulação teórica entre os campos da História das Ideias Linguísticas (HIL) no Brasil e da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, essa proposta consiste em analisar recortes de notícias turísticas do *GI*, a página da campanha #partiubrasil promovida pelo Ministério de Turismo e o desdobramento dessa hashtag no Instagram para refletirmos sobre a relação da memória metálica e da memória discursiva do romantismo. Nesse sentido, abordaremos a memória estruturada pelo esquecimento e como ela se materializa numa prática de linguagem que pode produzir a evidência de transparência, mas cujo efeito de verdade/realidade é atravessado pelo imaginário, que é político. Com relação à memória discursiva, trataremos ainda da constituição dos sentidos também pelo gesto de autoria do glossário de Alencar produzido para *Iracema* e, inclusive, legitimando e instaurando saberes científicos (reproduzindo e deslocando sentidos) para uma ficção sobre o Brasil. Nosso interesse é pensar que, pelo efeito da memória, os glossários de Alencar legitimavam uma prática “científica” dos “fatos” para o texto literário/ficcional. Desse modo, argumentamos que os nossos recortes são determinados pelo trabalho de arquivo e trabalho da memória histórica, a qual se textualiza pelo digital e retoma uma prática do século XIX, por meio da cientificidade dos “dados”, da “informação” que se repete e da noção de acesso ao conhecimento disponibilizado *on-line*. Isto posto, observaremos se o modo como uma “informação” circula pelo digital passa pela memória metálica e afeta o modo de produção e filiação dos sentidos pelos sujeitos em sua forma histórica, bem como a maneira pela qual os saberes sobre uma questão ou um país, por exemplo, são legitimados cotidianamente pela internet. Assim, serão confrontados os pré-construídos coloniais sustentados no recorte de *Iracema*, especialmente com o gesto de autoria de José de Alencar. Analisaremos, portanto, como uma discursividade literária romântica se inscreve numa determinada produção de conhecimento no/sobre o espaço brasileiro ao se textualizar e significar em materialidades distintas, bem como se dá a circulação dessa memória nas mídias *on-line*.

PALAVRAS-CHAVE: História das Ideias Linguísticas. Análise de Discurso. Memória. Mídias.

LINGUAGEM RUPESTRE: O DISCURSO NA PRÉ-HISTÓRIA

Gabriel Agostinho PIAZENTIN (Unicamp)
gabrielpiazentin@gmail.com

RESUMO: O presente texto é uma sugestão de trabalho a ser desenvolvido considerando aspectos de um tipo de linguagem, encontrado nas artes rupestres, com embasamento teórico da Análise de Discurso francesa. Desse modo, levanta-se a ideia para olhar o que de mais antigo haveria em se tratando de linguagem onde hoje se denomina Brasil, passível de ser analisada ao promover um deslocamento de *arte* rupestre para *linguagem* rupestre. O que se tem, afinal, são formas de representações cuja abertura ao aspecto simbólico é tomada como ângulo de entrada de análise. Toma-se como objeto de análise as inscrições dos sítios arqueológicos do Parque da Serra da Capivara, no estado do Piauí, por serem as inscrições mais antigas do continente americano. Ainda, considera-se o interdiscurso definido como algo dito antes, em outro lugar, independentemente (ORLANDI, 2010). Ou seja, mesmo nessa linguagem tão antiga, um outro algo já falava anteriormente, e este é inacessível. Os sujeitos que se marcaram nas paredes são considerados paleoindígenas (PROUS, 2006), com vestígios datados de 60.000 anos atrás (GUIDON, 2013). Não menos importante, esses sujeitos já eram atravessados por ideologia (ORLANDI, 1991). Levanta-se, assim, questões acerca de imagem, de memória (PÊCHEUX, 2015), de circulação e de espaço. O lugar espacial de significância é relevante para a discussão pois é por ele que os sujeitos encontraram formas de se representar há tanto tempo e, por esse mesmo lugar, houve a preservação de tais inscrições ao longo de milênios. Ainda, considera-se interessante levantar pontos acerca de uma descolonização científica (ORLANDI, 2008), pois o paleoindígena brasileiro coloca em xeque as teorias eurocêntricas de que o Homem chegou à América há 12.000 anos pelo Estreito de Bering, ao norte do continente. Levanta-se, também, um ponto da contradição científica, e também de leitura, pois o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso desconsidera a leitura superficial da imagem. Não se questiona o que aquela linguagem quer dizer (PÊCHEUX, 2019), mas sim, abre-se ampla margem para discussão nos mais diversos pontos que a teoria do discurso toca, com a possibilidade de promover novas leituras acerca de um período pré-histórico que não é de forma alguma a-histórico. Tem-se, afinal, que o *Homo*, desde que se entende como *sapiens*, é um ser de linguagem (HENRY, 2010), dada sua abertura e relação irreversível ao simbólico, sendo, desde então, condenado a interpretar (ORLANDI, 2004).

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem rupestre. Discurso Rupestre. Pré-História. Parque da Serra da Capivara. Descolonização Científica.

UMA ANÁLISE DO ESPAÇO URBANO A PARTIR DA REDE SOCIAL FACEBOOK.

Jaqueline Andreza de Godoy STÊNICO (Lajor/UNICAMP)
jaqueline_stenico@yahoo.com.br

RESUMO: Esta pesquisa se dedica a compreender o imaginário produzido pelo digital sobre o espaço urbano e a divulgação científica e cultural. De modo mais específico, centra-se na análise das páginas das Prefeituras de São Paulo, Bahia e Curitiba no Facebook como “materialidade digital” dos processos de produção e funcionamento do imaginário sobre o conhecimento textualizado nas publicações sobre o cotidiano da cidade. O questionamento central da pesquisa é: Quais conhecimentos são divulgados nessas páginas oficiais para que se produza determinado sentido sobre a cidade? Desse modo, compreender o funcionamento do imaginário a respeito do espaço urbano que se produz pela divulgação de saberes do cotidiano pelo digital é a problemática desta pesquisa. A discussão teórica se dá pela construção de um dispositivo capaz de levar à compreensão dos efeitos da divulgação no cotidiano dos sujeitos, bem como contribuir para as reflexões sobre o imaginário, configurando novas identidades e mudanças significativas nos modos de subjetivação. Nessa perspectiva, o imaginário e o real se apresentam como dimensões constitutivas do social, em um processo de atualização dos sentidos, imbricando e não opondo elementos do cotidiano e da ciência. O imaginário e o real não se distinguem, senão arbitrariamente. Quando a pesquisa se volta ao campo do digital dando ênfase ao digital na cidade, doravante e-urbano, vislumbra-se a possibilidade de estudar as novas formas de socialização e apropriação do espaço público urbano. A relevância deste estudo está na compreensão do modo como as ferramentas tecnológicas afetam o espaço urbano e os conhecimentos. Para tanto, faremos, no percurso da pesquisa, leituras, descrições e interpretações, nas páginas oficiais das prefeituras no Facebook. Já no que se refere ao método de análise será utilizado a Análise de Discurso de acordo com Michel Pêcheux e Eni Orlandi. O projeto traz em seu bojo os limites e os desafios da questão do imaginário para compreender os sentidos e as formas da divulgação da ciência e da cultura e seus efeitos na constituição de sentido para/sobre/dos grandes centros urbanos. Além disso, o estudo e as reflexões a respeito do imaginário podem contribuir para o conhecimento sobre a relação da divulgação científica e cultural e o saber urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário. Saber urbano e linguagem. Divulgação.

UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM ENTRE: LÍNGUAS NA RELAÇÃO DO SUJEITO SURDO COM O ESPAÇO URBANO

Lívia Letícia Belmiro Buscácio (INES)
liviabuscao@gmail.com

Verônica de Oliveira Louro Rodrigues (INES)
veolivlouro@hotmail.com

RESUMO: Bibliotecas, museus, arquivos, a própria cidade: de que modo o sujeito surdo se inscreve na cidade com seu corpo, que é suporte para a Língua de sinais ? Como produz sentidos para o que está escrito por desenhos e palavras nos muros, letreiros, placas, em uma língua outra que também pode ser sua? De que maneira o surdo se relaciona com espaços museais e outros lugares de memória? Baseadas no suporte teórico-metodológico da Análise do discurso pecheutiana, trabalhamos no lugar de professoras de língua portuguesa e literatura no Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos com a circulação da escrita para o surdo no lugar de aprendiz, considerando a inscrição em diversos espaços de enunciação (GUIMARÃES,2002), marcados pela tensão entre sujeitos pelo lugar de poder dizer, poder saber, poder transitar. Isto é, buscamos em nossa prática com turmas da educação básica lidar com um “conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento” (*ibidem*, 2002:16), por meio de visitas à museus, bibliotecas, teatros, arquivos, dentre outros, e a própria rua enquanto espaço simbólico de produção e circulação de saberes sobre a(s) língua(s). Com isso, persistimos em um aprendizado a partir de uma apropriação da rua e de lugares de memória (NORA, 1994) enquanto espaços de enunciação que possibilitam uma experiência real e mais fluida com as línguas e, por isso, promovem a formulação e circulação de saberes linguísticos. Tendo em vista a relação do aprendiz surdo com a escrita em língua portuguesa e a LIBRAS, sugerimos que o aprendizado da língua portuguesa escrita pelo surdo se dá na tensão com a LIBRAS, configurando uma escrita entre-línguas, materializada em variados suportes, cujo caráter translíngue afeta o espaço enunciativo. Assim, seguimos com nossa prática de ensino tendo em vista que formular um aprendizado da escrita entre-línguas por sujeitos surdos requer analisar de que maneira múltiplos suportes de escrita (AUROUX,2001) incidem na relação do surdo com o espaço urbano. Neste caminhar, propomos um aprendizado de línguas enquanto uma experiência da linguagem atravessada pelo acontecimento (PÊCHEUX, 2008) em uma aula como espaço enunciativo de gestos de leitura e escritura (BARTHES, 2005), na possibilidade de assunção pelo lugar de poder dizer e poder transitar entre-línguas pelo aprendiz surdo para além dos muros da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de discurso. Sujeito Surdo. Aprendizagem translíngue. Espaço Urbano.

A PRÁTICA DA PALAVRA E DA ESCUTA NA POLIS

Marcos Barbai (UNICAMP)

RESUMO: Neste simpósio, eu proponho pensar no processo de “especialização da linguagem na cidade” a circulação dos discursos da Psicanálise, com a implementação, na atualidade, das chamadas Clínicas Públicas de Atendimentos. De fato, trata-se da experiência de coletivos de psicanalistas, em diversas cidades do Brasil que, instalados nos equipamentos públicos das cidades (praças, rodoviárias, estação de trem, entre outros) oferecem o tratamento psicanalítico gratuito para a população. Muitos têm sido os trabalhos dedicados a pensar essa experiência de coletivo, esse lugar de tratamento do sujeito e da Polis, e os desafios que isso coloca para a Psicanálise e para aqueles que sustentam a sua ética e prática. Neste trabalho em particular, pretendo recuperar na literatura essa experiência, que é, em parte, ao menos em minha leitura, uma resposta e posição da Psicanálise para com o sofrimento da população que não tem acesso a esse tratamento, assim como questões relativas às políticas públicas de saúde, muitas ligadas à medicamentos (antidepressivos, ansiolíticos, etc.) que a cada vez mais são consumidos pela população. O meu objetivo é o de refletir sobre a instalação desse equipamento ético e social no corpo das cidades que utiliza a palavra e o campo da linguagem, ou seja, um espaço de fala e de escuta, para cuidar e escutar os sofrimentos da população. Apostamos aqui no laço social, no em-corpo (cf. Soler, 2019) na cidade. Este trabalho permite, em minha ótica, a escuta da subjetividade de nossa época e a problematização dos discursos que se referem ao campo social, urbano, da saúde e da vida.

**DO INCOMPREENSÍVEL AO INDISTINTO:
A MATERIALIDADE DA SEGREGAÇÃO NO URBANO**

Mariana Garcia de Castro ALVES (UNICAMP)
marianalagarcia@gmail.com

RESUMO: A partir de reflexões empreendidas por Eni Orlandi, o trabalho abordará os desafios teóricos à análise de discurso frente à configuração urbana como modo contemporâneo de vida. A maneira pelas quais os sentidos são constituídos, formulados e circulam na cidade permite que se observem tanto os processos de simbolização do espaço urbano quanto os de espacialização do simbólico. Tomando a segregação como forma material da constituição dos sujeitos – ou seja, o que importa é o lugar em que os sujeitos se identificam e não mais sua posição de incluídos ou excluídos – os já-ditos que os constituem confrontam-se: na cidade, como todos são estranhos (hostis), esses lugares como resultados de processos de individuação chocam-se na medida em que esses mundos, totalmente apartados simbolicamente, entram em contato justamente nas trocas que se dão no espaço urbano. Tomando os flagrantes como momentos em que a analista pode observar o irromper da contradição constitutiva das formações discursivas, Orlandi reabre a perspectiva de que o político, por ela redesignado como sentidos em divisão, possa mexer com o já-significado, o já-estabilizado. Em mundo de excesso, a analista se depara com a incompreensibilidade– algo que se enuncia, por exemplo, pela expressão “muita informação” utilizada quando não se compreende algo. Desse ponto de vista, a incompreensibilidade se materializa como efeito da incompletude do simbólico e da heterogeneidade das formações discursivas na cidade. Entretanto, além dos efeitos de incompreensibilidade, a segregação que constitui o sujeito que é o espaço urbano gera também efeitos de indistinção. Os sentidos não apenas são incompreendidos, mas passam a ser naturalizados em sua indiferença. As declarações de que são acidentais as mortes de inocentes nas favelas do Rio de Janeiro e São Paulo são traços de que, embora se estejam matando crianças, é preciso deixar os policiais “trabalharem”. Na segregação, entre o outro da incompreensão (polissemia) e o mesmo da naturalização da barbárie (paráfrase), reproduz-se em todos os níveis a luta selvagem pela manutenção dos lugares simbólicos, o que implica a manutenção da própria segregação. O trabalho refletirá sobre modos simbólicos da segregação e seus efeitos, inclusive teóricos, nesse panorama que faz a análise de discurso se perguntar sobre seu próprio lugar na constituição de um pensamento de questionamento das evidências.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Análise do discurso. Eni Orlandi.

RUGOSIDADES NA CIDADE:

A MEMÓRIA NO (DES)ENCONTRO DOS TEMPOS

Mirielly FERRAÇA (Unicamp)
miriellyferraca@gmail.com

RESUMO: É em Campinas-SP que se encontra o Jardim Itatinga, espaço que se constitui como *objeto* de investigação deste trabalho. Localizado entre as Rodovias Santos Dumont e Bandeirantes, a 11 quilômetros do centro citadino, o bairro foi construído na década de 1960 pelo poder público campineiro a partir de um projeto de higienização urbana. Cortiços foram demolidos, casas de prostituição fechadas e as prostitutas que moravam e trabalhavam em áreas *nobres*, espaços urbanística e economicamente valorizados, foram levadas para os *confins* da cidade. Entre 2016 e 2017 realizei entrevistas com moradoras, moradores, trabalhadoras, trabalhadores e comerciantes do Jardim Itatinga. A partir do *corpus*, no recorte estabelecido para esta comunicação, pergunto-me como o espaço da rua significa e é significado para e por sujeitos no Jardim Itatinga. Nesta tomada discursiva, no encontro com a perspectiva materialista da Análise de Discurso, a rua é considerada como espaço de memória, lugar em que se deposita a história em seu entrelaçamento com a ideologia. *Rugosidades* (SANTOS, Milton, 2006) inscrevem-se no espaço, materializando memória e história na cidade no (des)encontro dos tempos: historicidade e espacialidade se constituem simultaneamente, mutuamente, pontua Milton Santos (2006). Marcas cravadas em ruas, em construções, nos contornos que estabelecem um *dentro* e um *fora*; cicatrizes urbanas que, por suas marcas e também por suas ausências, produzem sentidos para os sujeitos que no espaço transitam, moram, trabalham, vivem. Memória depositada pelas ruas, memória que, pelo movimento discursivo, desliza. Tensionam-se na cidade *organização* e *ordem* (ORLANDI, Eni, 1999, 2001b, 2012): de um lado, a incessante *organização* urbana conduzida pelo Estado em sua inscrição político-ideológica, ancorada nos saberes(poderes) médicos, urbanísticos, administrativos, jurídicos, atravessadas por questões de sexo, classe e étnico-raciais, que busca conter o movimento dos sentidos, preenchendo espaços, saturando os sentidos; de outro, formas fugidias cotidianas nas quais a *ordem* urbana irrompe e pelas frestas sentidos e sujeitos se movimentam, deslizam. Memória inscrita na cidade, como *rugos*; memória que desliza pelas relações cotidianas. São nas condições de produção de um bairro criado pelo Estado para ser *o lugar* da prostituição na cidade, num espaço política, histórica e geograficamente segregado, lugar de morada e de trabalho para quase duas mil prostitutas, lar e lugar de trabalho para muitos sujeitos, que relações sociais se estreitam e se entrelaçam. Se é preciso olhar e encarar as evidências (ou a afirmação do óvio), é para a rua que olho, buscando compreender o funcionamento (e o movimento) discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Jardim Itatinga. Cidade. Memória.

SENTIDOS DE BRASIL NO PROJETO “QUE BRASIL VOCÊ QUER PARA O FUTURO?”

Priscila Cristina Ferreira (Labjor/ UNICAMP)

Greciely Cristina Da Costa (Labeurb/UNICAMP)

RESUMO: O projeto “Que Brasil você quer para o futuro?” foi uma iniciativa da TV Globo no ano de 2018 com a proposta de lançar essa pergunta aos telespectadores da emissora em janeiro do mesmo ano e ao decorrer de sete meses, de março a setembro, colocar em circulação as respostas em todos os telejornais da emissora e em suas plataformas, Globo Play e G1. Nesse período mais de cinquenta mil vídeos foram enviados à emissora e mais de dois mil foram postos em circulação. Quando a pergunta foi lançada no programa Fantástico, foi dito ao público: “Qual é a sua esperança para o Brasil? Que país você quer ver a partir do ano que vem com novos governantes no poder?”. Nas simulações, as orientações para gravar os vídeos perpassam por filmagens de pontos turísticos de diversas cidades do país e apontam como o sujeito-participante deveria fazer para formular seu discurso: “Para participar, basta ficar diante de um dos lugares mais conhecidos de sua cidade, um lugar que identifique de onde você está falando, sempre durante o dia”. (G1, 2018). A partir dessa proposta, propõe-se compreender como o sujeito (re) formula a cidade e os sentidos de Brasil, que estão em jogo nos discursos, perguntas e respostas. Propõe-se, ainda, refletir sobre as condições de produção de Brasil nesses discursos, em que vários sentidos já estão em jogo nessa formulação. Para essas reflexões serão utilizados autores da Análise de Discurso de Linha Francesa, sobretudo Michel Pêcheux, Eni Orlandi Cristiane Dias, Marcos Barbai e Greciely Costa. Resultados preliminares indicam que de uma pergunta que parece ser transparente, perpassa por diversas relações com a opacidade da linguagem. Compreendemos que há sentidos que se repetem e novos sentidos postos em jogo, explicitando o funcionamento da Paráfrase e Polissemia. Encontramos, também deslizamentos de sentidos de Brasil e cidade nesses discursos. Esta pesquisa, uma dissertação, encontra-se em fase inicial e almejamos contribuir com os estudos da relação entre sujeito e linguagem, discursos estes produzidos pela e na cidade. Intentamos ainda, refletir sobre o papel da televisão e os sentidos que circulam através dessa tecnologia de linguagem, cujo papel perpassa pela constituição, formulação e circulação.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Sentidos. Cidade. Brasil.

O SUJEITO COM DEFICIÊNCIA SIGNIFICADO NO ESPAÇO DA CIDADE NA/PELA TV

Thaís R. ALENCAR (Mestranda)
thais.alencar2013@gmail.com

RESUMO: Filiada à Análise de Discurso de linha francesa, este trabalho tem por objetivo analisar como o sujeito com deficiência é significado no espaço da cidade. Em tempos nos quais temas como inclusão social e acessibilidade estão sendo tão debatidos, esse tipo de análise se justifica a fim de tirar da evidência os sentidos e a maneira como eles circulam, sem ignorar a televisão como principal meio para que isso se dê, principalmente no corpus a ser analisado. O corpus de pesquisa é formado de três reportagens do quadro *Anda São Paulo*, assinadas pela repórter Flavia Cintra e veiculadas pela rede Globo nos jornais regionais da capital paulista. A proposta era mostrar em cada uma das reportagens, como acontece o trânsito de um indivíduo cadeirante pela maior cidade do país. Como Flávia é cadeirante, durante as matérias é possível observar alguns funcionamentos do Discurso sobre inclusão, nas especificidades da questão da mobilidade urbana. Como esse discurso funciona em nossa sociedade e os seus efeitos de sentidos são temas abordados na obra organizada por Ferreira e Orlandi (2014). Com essas discussões em mente, pretende-se observar como esse discurso funciona na especificidade da mobilidade urbana, uma vez que a AD compreende a cidade como espaço simbólico de significação. O imaginário presente na sociedade a respeito das pessoas com deficiência se relaciona diretamente com a constituição desses discursos e suas formulações. Vamos observar de que maneira isso se mostra no corpus desse trabalho. A forma como a cidade se organiza (ou não) pode ser um caminho para entender como o sujeito com deficiência é neste espaço é significado e ao optar por um arcabouço teórico que trabalha a linguagem relacionada à ideologia e a história o que se espera é refletir a respeito de onde estamos através da desnaturalização de tudo o que está aí posto sobre inclusão e acessibilidade no espaço da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito com deficiência. Cidade. Acessibilidade. Mobilidade urbana.

VIOLÊNCIAS ENCENADAS: EFEITOS DO DISCURSO FOTOGRÁFICO NO INSTAGRAM

Victória BERNARDINO COELHO (Universidade de Campinas - Unicamp)
Victoriabcoelho5@gmail.com

RESUMO: A cidade na perspectiva do Simpósio Saber Urbano e Linguagem: sentido e formas de enunciação é considerada “espaço de textualização dos sentidos”. Dessa forma, os sentidos se constituem, são formulados e circulam na/ pela cidade. Partindo desses processos de constituição do discurso, problematizo uma questão contemporânea presente no/pelo urbano que é a violência contra mulher. Em nossos tempos, essa questão migra do espaço urbano, adentra no contexto digital e faz isso amparado por imagens tendo em vista que “imagem é discurso” (ORLANDI, 2012). O discurso da violência contra mulher circula no/pelo digital. A mulher morta na cidade que ainda não se sabe quem mandou matar, as manifestações por essa mulher e contra quem matou essa e tantas outras mulheres e tantos outros sentidos presentes até mesmo na falta são ressignificados pelo digital. O modo como os sentidos presentes no discurso fotográfico circulam e são significados perpassam esse trabalho sustentados pelo dispositivo teórico da análise de discurso. Mulheres estão morrendo por serem mulheres, leis mais rígidas são criadas e mesmo assim o número de vítimas cresce de forma exponencial. A reflexão proposta nesse trabalho é compreender os efeitos de sentido das imagens em torno da violência contra a mulher (imagens estas, que remetem a crise) na rede social *Instagram*. A crise está presente no/ pelo urbano, na/pela rede. Esse trabalho também vai buscar estudar: as relações entre sujeitos e redes sociais, bem como o funcionamento de imagens na constituição dessas redes, teorias da imagem, assim como fotografias que trazem como característica principal a crise, para então formular o conceito de imagem de crise pautado na Análise de Discurso. E analisar as imagens e comentários presentes na rede social em questão, visando perceber o modo como uma imagem é lida e como produz diferentes gestos de interpretação. Grosso modo, essa pesquisa pretende entender a formulação e circulação das imagens de crise no contexto digital e trazer em voga um assunto importante em todas as esferas da cidade, das redes, uma questão urgente e necessária. Pretendendo a compreensão de como são produzidos gestos de interpretação sobre a violência contra mulher na sociedade atual levando em conta que “a interpretação faz sujeito, a interpretação faz sentido” (ORLANDI, 2004, p.83).

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Sentido. Digital. Violência contra mulher.

ESPAÇO URBANO PELA NARRATIVIDADE DOS ANÚNCIOS DE JORNAL NO BRASIL OITOCENTISTA

Vinícius BRITO NASCIMENTO (Universidade Estadual de Campinas)
viniciusdebrito94@gmail.com

RESUMO: O corpo do sujeito se ata ao da cidade. O des-tino do sujeito capitalista coincide, dessa forma e por meio do fato linguístico, com o espaço urbano. O sujeito e a cidade se marcam no/pelo traço do discurso. Diante disso, pergunta-se como a imprensa anunciava o espaço urbano no Brasil oitocentista? A partir da questão de pesquisa, pretende-se analisar neste trabalho o discurso sobre espaço urbano brasileiro, especialmente no tocante à morada no século XIX, época em que ocorre a institucionalização da imprensa no país. Ao evocar espaço urbano, segundo Orlandi (2001, 2004, 2019), é preciso colocar a cidade como pano de fundo, pois a organização citadina, enquanto efeito do processo disciplinar urbanístico, marca a formulação do discurso pelo sujeito, produzindo sentidos que o significam na cidade e que tornam a cidade um sítio de significação na história. Assim, apesar de o Brasil apenas se tornar densamente urbano no século XX, o Rio de Janeiro surge como exceção no período do Império (1822-1889) quanto ao crescimento populacional na cidade, o que justifica a escolha pela imprensa local oitocentista. O objetivo geral desta exposição oral é analisar anúncios pertinentes ao discurso sobre espaço urbano no *Diário do Rio de Janeiro (DRJ)*, o primeiro de tipologia privada em circulação naquele período, e os objetivos específicos são verificar textos da imprensa dos oitocentos frente à História do Jornalismo; e analisar a narratividade mesma dos anúncios em circulação, no batimento entre descrição e interpretação. Filiando-se teórica e analiticamente à Análise do Discurso franco-brasileira, a investigação reúne corpus discursivo com textos retirados das seções de venda e aluguel de casas do *DRJ* de 1821 a 1831 (período pré-Império e Império do Brasil), sendo a consulta feita pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Sobre possíveis resultados, há uma relação parafrástica nos anúncios analisados que aponta para a indistinção (produção do “mesmo”) entre casa e propriedade, efeito do pré-construído no discurso autorizado pela narratividade dos jornais, quer dizer, a venda e o aluguel da casa no período imperial luso-brasileiro aparecem como algo dado nas formulações. Por outro lado, os anúncios espacializam sentidos, pela deixis discursiva topográfica na descrição de elementos da casa, para distintos sujeitos moradores, em determinadas condições de produção do discurso, frente às relações de forças em uma sociedade mercantil.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Espaço urbano. Narratividade. Anúncios de Jornal no Século XIX.

